

QUEM SOU EU? IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA NEGRA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “NEGRITUDES BRASILEIRAS”

Adriele Henriques Santos*

Fernanda de Paula Carvalho**

RESUMO

O presente estudo apresenta a discussão que envolve os temas identidade, diferença, semelhança e relações raciais. Por meio desta pesquisa procurou-se entender como se dão as influências presentes no contexto biopsicossocial que interferem na identificação de pessoas negras, temática que se torna importante, uma vez que as discussões acerca deste tema vêm crescendo. O problema de pesquisa se orienta a partir da seguinte questão: Quais os principais fatores que influenciam a constituição da identidade da pessoa negra a partir do documentário visual “Negritudes Brasileiras”? O objetivo geral buscou descrever os principais fatores que influenciam a constituição da identidade da pessoa negra encontradas no documentário audiovisual “Negritudes Brasileiras”. De forma específica buscou-se: descrever o documentário audiovisual “Negritudes Brasileiras”; identificar os principais temas que definem a identidade da pessoa negra abordados no documentário; e, por fim identificar fatores que influenciam a apresentação/apropriação da identidade da pessoa negra. A abordagem de pesquisa é de natureza descritiva, do tipo qualitativa, tendo como procedimento a pesquisa documental. A coleta de dados foi realizada a partir do documentário “Negritudes Brasileiras”. A análise de dados teve como referência a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), e apontou como resultados que, as experiências vivenciadas pelo sujeito negro e seu processo de subjetivação influenciam na sua identidade.

Palavras – chave: Identidade da Pessoa Negra. Negritudes.

ABSTRACT

The present study presents the discussion involving the themes of identity, difference, similarity and race relations. Through this research it was intended to understand how this influences themes affects the biopsychosocial context that interfere in the identification of black people, a thematic that becomes important, since the discussions about this topic have been growing in the present day. The research problem is guided by the following question: What are the main factors that influence the constitution of the identity of black people from the visual documentary “Brazilian Negritudes (*Negritudes Brasileiras*)”? The overall goal was to describe the main factors that influence the constitution of the identity of the black people found in the visual documentary “Negritudes Brasileiras”. Specifically, we sought to: describe the documentary “Brazilian Negritudes”; identify the main themes that define the identity of the black people approached in the documentary; and, finally, to identify factors that influence the presentation / appropriation of the identity of the black people. The research approach is descriptive in nature, and qualitative in type, having documentary research as its procedure. Data collection was carried out from the documentary “Brazilian Negritudes”. The data analysis had as reference point the content analysis (BARDIN, 1977), and pointed out as results that the experiences of the black subject and his subjectivation process influence his identity.

Keywords: Black People Identity. Negritudes.

* Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* adrielehs@gmail.com

** Psicóloga, mestre em Psicologia Social (UFMG) e especialista em Políticas Públicas (UFMG.) *E-mail:* nanda_depaula@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A diversidade de cor/raça no Brasil é uma característica da população. Esta diversidade só foi possível devido a imigração de diferentes povos na formação do Brasil (MEDEIROS; PEREIRA; MELO, 2015). Com essa diversidade, a autoidentificação racial se tornou uma questão complexa por ser considerada um sentimento de pertencimento ao grupo, cuja vertente é decorrente da construção social, cultural e histórica (OLIVEIRA, 2004).

A questão da identidade ganhou importância nas últimas décadas, pois se testemunhou várias lutas identitárias no mundo desde a década de 1960, principalmente com os movimentos negros, feministas, gay e religiosos e, a partir de então, essas discussões não cessaram. Além disso, a identidade é muito importante para compreender como o sujeito se constitui, sua maneira de existir e a sua subjetividade. A identidade é construída a partir da interação entre indivíduo e sociedade, o que inclui processos de identificação feitos por si mesmo e aqueles reconhecidos pelos outros (PINTO; FERREIRA, 2014). Assim, o conceito de identidade surge atrelado ao conceito de diversidade, embora também disfarce o conceito de semelhança através das diferenças.

A pesquisa realizada buscou compreender os elementos da formação da identidade da pessoa negra, assim como os elementos que compõem o processo de identificação racial e possíveis influências presentes no contexto biopsicossocial, que podem interferir na constituição da identidade do sujeito negro. Para isso utilizou-se a análise documental do documentário “Negritudes Brasileiras”. Considera-se que a abordagem dessa temática poderá contribuir na ampliação do conhecimento acerca dos impactos positivos e negativos na construção das identidades negras, contribuindo com estudos da Psicologia, a fim de auxiliar o sujeito na busca por respostas que possam vir a minimizar os desafios que, hora são impostos e hora surgem da própria questão. A partir disso, a pesquisa se orienta a partir da questão: Quais os principais fatores que influenciam a constituição da identidade da pessoa negra encontrados no documentário audiovisual “Negritudes Brasileiras”?

Como hipóteses estimou-se que os aspectos culturais influenciam na autoidentificação racial, assim como a identidade coletiva/cultural/social influencia na identificação racial. Assim, delimitou-se como objetivo geral, descrever os principais fatores que influenciam a constituição da identidade da pessoa negra encontradas no documentário audiovisual “Negritudes Brasileiras”. Para alcançar tal objetivo buscou-se descrever as falas presentes no documentário audiovisual “Negritudes Brasileiras”; identificar os principais

temas que definem a identidade da pessoa negra abordados no documentário e identificar fatores que influenciam a apresentação/apropriação das identidades da pessoa negra. A abordagem de pesquisa se classifica como de natureza descritiva, do tipo qualitativa, tendo como meio a pesquisa documental. A coleta de dados foi feita a partir do documentário “Negritudes Brasileiras”. A análise de dados foi realizada baseada da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 IDENTIDADE

Segundo Ciampa (1987), identidade é entendida como um processo que está em constante transformação, sendo o resultado da interação entre a história individual e o contexto histórico, social e político. A maneira como o sujeito constrói a sua identidade se dá a partir das experiências vivenciadas em seus variados contextos sociais que, explicitamente ou implicitamente, interferem na construção da sua identificação (PINTO; FERREIRA, 2014). Deste modo, a identidade é construída a partir da interação entre indivíduo e sociedade (HABERMAS, 1988).

Com base na filosofia, a identidade é caracterizada como aquilo que te difere dos demais, porém se mostra exatamente igual a si mesmo. Já a identificação é a condição para que a pessoa seja identificada perante às outras pessoas. Do mesmo modo que a identidade, a diferença é colocada como algo que reflete a si próprio. Percebe-se, então, que a identidade e a diferença são diretamente proporcionais, ou seja, existe uma relação de dependência (CIAMPA, 1994). A princípio, os sujeitos são indivíduos ou um coletivo de indivíduos que são identificados de maneira singular e capazes de receber qualificações. Do mesmo modo, estas qualificações podem ser associadas a eles a partir da linguagem, com um determinado grau de valoração, sendo frequentemente comparados com outros sujeitos (SOMBRA, 2015).

Segundo Castells (2018), as identidades seriam classificadas como identidade individual e identidade coletiva. A identidade individual é o encontro do indivíduo consigo mesmo, a união de características próprias, aparência física, hábitos, valores, língua e experiências, que propiciam a formação da imagem própria de si. Já para a formação da identidade coletiva, são importantes as vivências, sentimentos, decisões conscientes ou

inconscientes e as escolhas pessoais que moldam a sua identificação, como também as relações de poder, fenótipo e as origens: etnia, descendência, ascendência.

Neste sentido, os indivíduos coletivos só se apropriam da sua identidade a partir da compreensão da sua significação e a partir do contexto do qual pertence. É importante destacar que a identidade coletiva comporta um sistema de classificação que diferencia os diversos indivíduos coletivos. Os sistemas são cotidianamente confirmados e reafirmados pelas ações do próprio sujeito ou pelos acontecimentos a que são submetidos, produzindo processos cotidianos de reconhecimento e/ou desconhecimento das identidades coletivas e seus atributos. Com isso, é nas relações que o sujeito pode ser afirmado ou negado em sua constituição identitária (SOMBRA, 2015). Assim, a subjetividade contribui tanto para a identidade individual e coletiva, pois proporciona a compreensão que se tem sobre o eu, e permite explicar as motivações do sujeito para tal identidade (CASTELLS, 2018).

Outra dimensão que também se apresenta sobre a identidade, é a identidade social, entendida como a relação entre indivíduos e sua posição no mundo. É também relacionada ao reconhecimento da sociedade, portanto, ao papel do indivíduo na sociedade (BRANDÃO, 1986). De acordo com Brandão (1986) as identidades vão além da questão contrastiva, mas são como o “próprio reconhecimento social da diferença”. Para Montes (1996), a definição de identidade social é baseada na identidade grupal cujo grupo é definido por suas manifestações culturais, valores e características étnicas. Deste modo, a construção da identidade acontece nas relações entre o eu e o outro no contexto social, considerando o reconhecimento das semelhanças e das diferenças para se afirmar. Os quesitos sociais como etnia, cor, classe social, expressão linguística, dentre outros, definirão a construção da identidade do indivíduo ou do grupo, porém, esta mesma sociedade coloca a diferença como algo negativo, sendo sempre discriminado e excluído (FERREIRA; CAMARGO, 2011).

2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E RECONHECIMENTO DA PESSOA NEGRA

Discutir identidade é discutir transformações, ou seja, é a ação, o processo dinâmico, histórico e político. Sendo assim, identidade além de ser pessoal, tem relação política e social, é onde o sujeito se autoreconhece e se constitui a partir da relação consigo, com o outro e com o ambiente, que estão sempre em constante transformação (FERREIRA, 2000). Desta forma, o vínculo entre identidade e reconhecimento é observado pela necessidade de entender “quem somos” no contexto social. Assim, a identidade é capaz de definir as características dos seres

humanos e é moldada pelo reconhecimento ou ausência de alguma característica. Quando a sociedade tem uma visão distorcida da identidade de um indivíduo existem prejuízos sociais, porém a nível individual, os prejuízos se apresentam em forma de opressão e exclusão (SOMBRA, 2015). A identidade e o reconhecimento se fazem de forma íntima, estão presentes na necessidade de ser visto e reconhecido pelo outro como se é interiormente, de forma individual, bem como na forma pública (MUNANGA, 2015).

Berger e Luckmann (1999) comentam sobre a importância da socialização primária para a definição de características atribuídas pelo grupo, o que acontece desde quando o indivíduo nasce. Para a construção da identidade da pessoa negra esse processo torna-se também fundamental, pois se as crianças forem mal orientadas com relação a seu grupo racial poderão reproduzir elementos negativos sobre suas identidades, se essa foi a experiência vivenciada, por exemplo, no ambiente familiar. As vivências de preconceito e discriminação racial experienciadas pela pessoa negra, fazem com que ela esteja em constante conflito com a sua identidade, no entanto o indivíduo negro só vai movimentar-se para a transformação quando se sensibilizar com a situação em questão (MARIA; MARTINS, 2016).

A representatividade entra como um fator importante na construção e manutenção da identidade negra. Neste sentido, a mídia exerce um importante papel na construção ou reconstrução de representações sociais, pois ao exibir, ou não, indivíduos com as características parecidas com as de um grupo étnico determinado, são capazes de colocar o indivíduo em contato com diversas pessoas e informações. Quando a mensagem midiática é positiva e voltada para a diversidade, incluindo negros por exemplo, gera benefícios sociais, estimulando o desenvolvimento sendo recursos fundamentais para a formação da identificação individual e de grupo. Desta forma, elas podem proporcionar uma ferramenta de inclusão e construção da identificação (BARRETO; CECCARELLI; LOBO, 2017).

2.3 PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL E RACISMO

É perceptível que existe uma imprecisão sobre o significado, definição e distinção entre discriminação, racismo e preconceito. Embora sejam palavras que estão relacionadas entre si, existem diferenças conceituais entre elas. Conforme o documento “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais” (BRASIL, 2006), discriminação racial é uma ação, conduta, atitude, manifestação, ou comportamento contra uma pessoa ou um grupo em razão da sua “cor” ou sua aparência. Atualmente, o significado de racismo e preconceito são utilizados como sinônimos, entretanto, o preconceito é uma atitude antecipada e

desfavorável contra uma ideologia, grupo ou indivíduo específico e o preconceito racial acontece quando uma pessoa ou grupo sofre com um comportamento vindo de alguém que tem como padrão as referências do seu próprio grupo. Já o racismo acontece quando, em função de alguma característica pessoal (física ou cultural), se atribui um aspecto negativo ao outro (SANTOS, 2001).

A discriminação racial pode ser entendida como uma manifestação da crença racista em comportamentos que efetivamente limitam ou impedem o desenvolvimento efetivo do indivíduo e das pessoas que pertencem ao grupo discriminado e assim, mantém os privilégios daqueles que estão fora desse grupo, ou seja, o discriminador. Estes privilégios são mantidos às custas dos danos causados aos integrantes do grupo discriminado (SILVA, 2017). Portanto, a discriminação só acontece quando o preconceito racial e o racismo se manifestam, quando ocorre a externalização em forma de um comportamento, manifestação e/ou ação com o intuito de prejudicar ou diminuir o outro (SANTOS, 2001). Geralmente, o sujeito que comete tais atos tenta diminuir o outro para valorizar a si mesmo, considerando que as características pessoais são motivos suficientes para que ela não possua os mesmos direitos.

Atualmente as relações raciais ainda trazem heranças da época escravocrata. O negro ainda é marcado por atributos negativos e generalizações que sucintam uma “igualdade” pela negatividade atribuída a eles. Este padrão identitário é afirmado pelos mecanismos ideológicos que dificultam a apropriação da identidade das pessoas negras, no sentido de contraporem-se as ideologias racistas (PINTO, FERREIRA, 2014). Segundo Nascimento (2006), na realidade social brasileira, as identidades negras e africanas são associadas às ideias de escravidão, inferioridade intelectual, estética, ética e até carência cultural. E, mesmo com todos os estudos e a criminalização de práticas racistas, sua identificação nas relações cotidianas ainda é difícil e complexa.

Existe a tendência de naturalizar os comportamentos racistas como sendo algo consensual, autorizado e aceito pelas partes, sem grandes impactos. Assim, nos relacionamentos interpessoais, o racismo não é identificado como determinante de escolhas afetivas, muito menos de recusas e perfaz-se por naturalizar uma construção social. E, nas organizações social, política, cultural e religiosa, é como se estas práticas racistas já estivessem sido incorporadas no padrão, na composição étnica e no tratamento diferenciado, se justificando na “natural” inferioridade do negro (FERREIRA; CAMARGO, 2011).

2.4 BRANQUEAMENTO E NEGRITUDE

O branqueamento aparece no Brasil como um problema do negro que está descontente com a sua condição de ser negro e, com isso procura meios para se identificar com o branco, utilizando da miscigenação para diminuir a diferença na tonalidade da pele. Isto é, o silêncio, a omissão e a distorção existentes na definição do lugar que o branco ocupa nas relações raciais brasileiras impedem, por exemplo, a implementação de programas de combate à desigualdade. Uma vez que, por não haver essa reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais reafirma-se que essa desigualdade constitui-se como problema especificamente do negro, pois tudo que é realizado é referente ao negro, o foco da discussão sempre é o negro e existe um silêncio com relação ao branco. Assim, os brancos reconhecem as desigualdades raciais, entretanto não associadas à discriminação, portanto, isso se apresenta como um sintoma da branquitude (MAIA, 2018).

Denise Jodelet (1989) afirma que as políticas públicas que são direcionadas àqueles que foram excluídos não são consideradas direitos, mas sim como favores das elites. Entretanto, nesse mesmo ato, existe um benefício simbólico, já que qualquer grupo necessita para si próprio de referências positivas para manutenção da sua autoestima, autoconceito e valorização das suas características e assim fortalecer o grupo. O ideal de branqueamento interfere no processo de construção e constituição da identidade da pessoa negra, pois enfraquece o sentimento de pertencimento do sujeito negro no grupo, e principalmente na sua autoestima. A política de branqueamento não teve êxito, mas o ideal permanece enraizado no inconsciente brasileiro. Portanto, as teorias racistas e a história das relações raciais do Brasil prejudicam a construção da identidade baseada na negritude (FERREIRA, 2000).

Já a negritude se refere à história comum que o olhar do branco reuniu sob o nome do negro, não se referindo somente a cultura daqueles de pele negra, que aliás são culturalmente diferentes. A negritude também deve ser vista como confirmação e construção da solidariedade entre os negros (DOS REIS; COSTA, 2016). Por isso, a reabilitação da identidade cultural e da personalidade própria dos povos negros são objetivos fundamentais da negritude. Para favorecer a negritude, vários autores quiseram reafirmar o valor da cultura e orgulho do passado africano e rejeitar a assimilação que teria sufocado a sua personalidade (MUNANGA, 2015).

Apesar das diferenças dos contextos, existe um denominador comum tanto na negritude no contexto africano, como o ideal de branqueamento no contexto brasileiro. Ambos são resultados de um racismo, que teve como objetivo assimilar os africanos e seus descendentes brasileiros a uma cultura considerada superior. Essa assimilação aconteceria

atrás da miscigenação, que se mostra como um quadro de intoxicação metal que, uma vez introjetada, acarreta a alienação e a negação da própria humanidade (MUNANGA, 2003).

3 METODOLOGIA

A pesquisa classifica-se como qualitativa, descritiva e quanto aos procedimentos caracteriza-se como documental, utilizando como meio para análise de dados o documentário “Negritudes Brasileiras”. Como técnica de análise utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

A análise documental tem como fonte documentos no sentido mais amplo, não apenas conteúdos impressos. Portanto, neste caso, utilizou-se a análise dos conteúdos do documentário que ainda não tiveram tratamento analítico, considerados matéria prima da análise documental, a partir do qual o vai se analisar e investigar (SEVERINO, 2017).

A justificativa para o uso do documentário na pesquisa é a possibilidade de analisar detalhadamente os temas propostos a partir de um instrumento de alcance social como um documentário. A análise documental favorece a observação do processo evolução e desenvolvimento do sujeito, grupo, conceitos, conhecimentos, comportamentos, dentre outros contidos no vídeo (CELLARD, 2008).

Para análise utilizou-se como referência a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) que envolve três fases fundamentais: pré-análise, a exploração do material e os resultados.

A pré-análise é uma fase de organização, nela se estabeleceu um esquema de trabalho que envolve um primeiro contato com o documento, que consistiu em assistir o documentário sistematicamente, registrando tudo daquilo que se apresentou relevante sobre o tema da pesquisa.

Na fase de exploração do material interpretou-se o documento selecionado, adotando procedimentos de codificação, classificação e categorização, ou seja, nessa fase ocorreu a transcrição das falas dos personagens que foram categorizadas e organizadas em quadro para o desenvolvimento da análise.

Na fase de resultados, foi feita a análise dos dados obtidos e a elaboração de categorias que orientarão a interpretação e a apresentação do conteúdo (CAPPELLE, 2011).

A partir desse processo obteve-se três categorias nomeadas como: identidade e relações raciais, família na formação da identidade, e eu? quem sou eu? Identidade e

reconhecimento e a identificação do negro através da mídia, estas que serão apresentadas no tópico seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Negritudes Brasileiras é um documentário audiovisual lançado em 12 de novembro de 2018, idealizado por Nataly Neri, cientista social, militante negra e feminista, Youtuber negra, responsável pelo canal Afro e Afim, em parceria com o coletivo audiovisual de Gleba Pêssego. O documentário faz parte do projeto *Creators for Change* do Youtube, uma iniciativa global que visa apoiar criadores que estimulam o debate sobre questões sociais e promovem tolerância e empatia em seus conteúdos.

O vídeo de média metragem busca explicar, por meio de especialistas e de vivências relatadas, a descoberta da identidade da pessoa negra no Brasil. Dentro deste tema parecem a escravidão, a miscigenação atrelada a questão do embranquecimento, colorismo e construção da identidade, democracia racial, pluralidade da negritude e vivência do negro no Brasil atual. O filme conta com a participação de mulheres e especialistas negros como: Joice Beth, Giovana Xavier, Aline Ramos e Alê Santos, além de Alexandra Aleixo, Ary Silva e Thamy Yosuke, com depoimentos sobre suas vivências, experiências e conhecimentos sobre o tema.

4.1 IDENTIDADE E RELAÇÕES RACIAIS

O indivíduo é responsável pela construção da sua identidade, baseando-se na subjetivação das próprias vivências, permitindo a construção de novas formas de reconhecimento (HABERMAS, 1988).

“Eu sou mulher eu sou negra, mas isso não significa que eu sou todos esses estereótipos, então eu consegui ir me resolvendo em relação a isso e até parar de achar que eu precisava provar algo par alguém” (Aline Ramos).

Os métodos de classificação são influenciados pela subjetividade na definição e percepção de cores da pele, no posicionamento social do indivíduo, na mobilidade social, dentre outros fatores (CARVALHO, WOOD, ANDRADE, 2016). Segundo Munanga (2004), a definição de quem é negro no Brasil parece simples, mas não é. O Brasil dificulta a definição de quem é ou não negro, pois existem indivíduos que não se consideram negros por terem introjetado o ideal de branqueamento. Para atuantes de movimentos negros

organizados, aqueles que apresentam fenótipos negros são considerados negros e qualquer descendente de negro pode se apresentar como negro por mais que não tenha o fenótipo.

“Nossa que difícil, as minhas características físicas eu descrevo como: os meus olhos eu acho que pretos como jabuticabas; uma boca bem carnuda, grandona, um cabelo crespo, um tom de pele assim... não vou falar preta, preta, colorida, que cada lugar bate mais sol, outros menos, há um colorismo em mim, e é isso acho que essas são as minhas principais” (Alessandra Aleixo).

“Quem é negro e quem não é no Brasil, o que define a sua negritude, o que é ser pardo ou o que é ser mestiço, o que a cor da sua pele diz ou não sobre a sua identidade. Da para se descobrir negro, dá para não saber que era negro, dá para não saber que era negro” (Ary Silva).

“O negro em São Paulo ele não é o mesmo negro da região sul do país, nem no norte nem no nordeste. Essa compreensão sobre raça muda de região para região do país” (Aline Ramos).

Nos trechos citados, todas as características descritas por Alessandra remetem à negritude, pois cada aspecto vem carregado de alguma qualificação que remete ao negro, demonstrando assim que essas características fazem parte da sua identidade. A construção da identidade da pessoa negra é atravessada por relações vivenciadas no cotidiano pelo indivíduo, como vivências de discriminação, diferenças sociais e percepções de hetero e autotransclassificação. Também o vínculo entre identidade e reconhecimento é observado pela necessidade de entender “quem somos” no contexto social, conforme observa-se no trecho abaixo:

“Teve um dia que teve uma palestra na faculdade que foi: “Aonde estão os negros no teatro?”E tinha um coletivo negro, várias pessoas negras, e aí, em determinado momento ela questionou, ela falou: “- Olha essa faculdade, quantos negros tem aqui? Oh tem 1, 2 ... “e ela passou por mim e ela não me apontou, ela apontou as minhas duas amigas e eu estava no meio delas e ela não me apontou, aquilo me feriu de um jeito, eu falei ué elas me falam que eu sou negra, mas as pessoas já não me veem mais como negra, então quer dizer... eu não entendo isso” (Alessandra Aleixo)

Essa fala demonstra também a discordância entre heterotransclassificação e autotransclassificação e as consequências que essa divergência pode causar. Alessandra se autodeclara negra, apresenta uma construção identitária que reafirma todas as suas concepções de se considerar negra, entretanto a heterotransclassificação realizada pela palestrante não a identifica como negra. Essa discordância gera desconforto. A identidade é capaz de definir as características dos seres humanos e é moldada pelo reconhecimento ou ausência de alguma característica e, quando a sociedade tem uma visão distorcida da identidade de um

indivíduo, os prejuízos a esta pessoa são vistos em forma de opressão e exclusão (SOMBRA, 2015).

Eu entendo que as pessoas com a pele mais retinta sofrem muito mais porque elas são identificadas mais rápido e eu não sei exatamente explicar, por exemplo, onde e porque eu não tenho essa resposta, mas eu sei pela minha trajetória de pele mais clara já foi complicada... as pessoas mais retintas nem sei dizer mas acontece, então eu entendo de ter empatia daquela dor. Eu já sofri e sei que para ele deve ser complicado mais do que para mim. (Thamy Yosuke).

4.2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Na formação da identidade e construção de formas de enfrentamento do racismo, a família se torna essencial, principalmente na aceitação de si e no que da identidade negra, (MARIA; MARTINS, 2016).

“Muitas vezes eu vejo pessoas negras que não falam com os filhos sobre questões raciais, então você está criando um adulto que também não vai falar sobre. Então a minha preocupação foi mostrar aos meus filhos a realidade que eles iam enfrentar fora de casa” (Joice Beth).

“Eu me preocupei muito com o fortalecimento emocional dos meus filhos. Eu lembro uma vez que a minha filha chegou da escola chorando porque estavam rindo do cabelo dela. Então a gente teve que conversar aquela longa conversa ou seja, esse trabalho familiar é um trabalho contínuo que por mais que você ensine o seu filho a gostar de si, sempre vai ter um momento o racismo vai chocar, onde a violência racista vai impactar [...] os sujeitos negros são naturalmente fragilizados pelo racismo tanto quanto eles sabem, tem uma consciência racial já mais amadurecida mesmo quando eles não sabem ou eles negam que o racismo existe” (Joice Beth).

A família negra tem um papel importante na formação da identidade dos sujeitos negros, no entendimento dos sujeitos negros, na leitura de como o mundo se apresenta quando se é uma pessoa negra. Então é fundamental que se fale sobre esses assuntos. Neste contexto, a família se torna um lugar de construção de identidade e refúgio, principalmente no que condiz à construção de uma imagem positiva sobre si mesma, sua raça e seu papel social.

4.3 E EU? QUEM SOU EU? IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO

O contexto de escravidão, racismo e discriminação presentes na história refletem como as questões raciais se estabelecem atualmente. O contexto relacional dos indivíduos é construído a partir da história e cultura do ambiente em que estão inseridos. Ao estudar a evolução do branqueamento percebe-se que foi um processo inventado e reforçado pelo brasileiro branco, embora esse fato seja apontado como um problema do negro. Considerando

o grupo branco como padrão de referência, esse grupo faz uma apropriação essencial que se fortalece, favorecendo a autoestima e o autoconceito do grupo, essa apropriação legitima a sua supremacia econômica, política e principalmente social (BENTO, 2017). Em contrapartida a construção de um imaginário negativo sobre o negro é reforçado, o que afeta a sua autoestima, culpa-o pela violência/discriminação sofrida e por fim, justifica as desigualdades sociais.

“Eu acho que todos os dilemas e conflitos tem uma história, uma história que se liga, como a gente diz: é um passado presente, então de fato tem a ver com a história da escravidão, [...], pensar a questão racial tem haver também com tentar entender como que as identidades foram construídas ao longo da história” (Giovana Xavier).

“Essas políticas de miscigenação, de embranquecimento da população elas são o ponto focal na questão do colorismo, porque aí o branco começa a incentivar essa miscigenação, aí ele começa a ficar satisfeito com o resultado dela, mas não tão satisfeito, porque embora você tenha diluído a negritude na representação de uma pessoa negra de pele clara, você não eliminou aquela negritude, em algum momento eles vão lembrar que eles estão lidando com uma pessoa negra” (Joice Beth).

“São 3 grandes estereótipos que você vai ter na construção do homem negro. Tem o criminoso, o violento agressivo e também tem o homem negro que é hipersexualizado. Esses 3 arquétipos ou estereótipos eles acabam trabalhando um processo de retroalimentação da identidade do homem negro. A sociedade passa a olhar o homem negro como violento e ele passa a olhar para a violência como uma das únicas formas de se expressar a sua masculinidade, então essa é das outras formas que o racismo tem de ferir a psique do homem” (Ale Santos).

A identidade negra é associada ao período da escravidão (NASCIMENTO, 2006). As relações raciais trazem heranças históricas e os atributos negativos ainda são direcionados ao negro, pois este padrão identitário é reafirmado pelos mecanismos ideológicos e históricos (PINTO, FERREIRA, 2014). Os acontecimentos históricos no qual o negro aparece, sempre se mostrou de forma a desvalorizar e extinguir os negros. Porém, quando há o reconhecimento de si e de sua identidade o indivíduo consegue enfrentar os desafios de ser uma pessoa negra de modo menos doloroso.

“Quando eu entendi que eu era uma mulher negra, o que isso significava e que isso não era necessariamente ruim eu consegui resolver muitas questões comigo mesma.” (Aline Ramos)

“Quando eu não tinha esse reconhecimento eu era massacrado socialmente e por qualquer coisa qualquer tipo de ataque a minha estética ou até mesmo meus hábitos a música que eu gostava. Isso me agredia me machucava muito. Quando eu me reconheço como negro eu reconheço de onde eu vim e para onde eu vou e isso me torna poderoso me torna isso faz com que eu seja mais forte contra qualquer tipo de ataque que possa ser direcionada a minha pessoa.” (Ale Santos).

“Eu acho que o momento de quebra dessa busca por uma cultura branca foi quando eu entendi que isso tudo que eu fazia na verdade era só uma forma de negar quem eu sou, de negar minhas origens minhas raízes quando eu consegui entender que isso era um

processo racista. Aí eu fui buscar essas outras referências e entender porque eu tinha tantas referências brancas e colocava o branco como superior na minha vida mesmo sem saber que eu estava fazendo isso” (Aline Ramos).

Percebe-se a necessidade de resgatar a história e a autenticidade na construção da identidade coletiva negra, desconstruindo memórias de uma história negativa que ainda se encontra presente no imaginário coletivo, reconstruindo uma verdadeira história, de maneira positiva, que seja capaz de resgatar a autoestima destruída pela ideologia racista presente na história (MUNANGA, 2012).

4.4 A IDENTIFICAÇÃO DO NEGRO ATRAVÉS DA MÍDIA

Sociedades tecnologicamente avançadas tem mais acesso a bens e serviço do que as demais. Através dos meios de comunicação a mídia aproxima diversas pessoas que estão longe fisicamente. Sendo assim essas novas tecnologias são importantes instrumentos para compreensão dos efeitos sociais e individuais. A mídia se apresenta como um modelo de representações sociais na qual está em jogo modelos de subjetivação de todo um grupo. Desta forma, elas podem proporcionar uma ferramenta de inclusão e construção da identificação (BARRETO; CECCARELLI; LOBO, 2017).

“Eu acho que as redes sociais e a internet foram muito importantes principalmente para o meu processo de conhecimento, porque foi onde eu encontrei basicamente tudo ali que eu precisava. Mas ao mesmo tempo em que ela ajuda a gente a ter acesso a informação ela também acaba um pouco, dependendo da sua autoestima, jogada lá embaixo, porque você vê tipo não tem ninguém parecido comigo. Eu olhava para tudo aquilo e falava, eu não sou bonita porque eu não me pareço com nenhuma delas...” (Alessandra Aleixo)

“O rap foi muito importante na minha formação porque ele me abriu a consciências para a reflexão sobre as questões raciais então ouvir um Mano Brow, um Racionais Mcs, um BNM cantando coisas da negritude problemas da negritude que eu sabia que eram problemas, que ele está falando que passou por isso e eu também passei por uma situação parecida, que a gente é preto e tal.” (Joice Beth)

A mídia exerce um importante papel na construção ou reconstrução de representações sociais. A velocidade que as informações e conhecimento chegam as pessoas e os transformam, gera benefícios sociais estimulando o desenvolvimento, e ainda, são recursos fundamentais para a formação da identificação individual e de grupo (BARRETO; CECCARELLI; LOBO, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo pode-se notar questões importantes quanto à discriminação, miscigenação, estereótipo, exclusão, relações, mídia, branqueamento, negritude, família, dentre outros, assim como a maneira como eles influenciam tanto de forma positiva quanto de forma negativa na constituição e manutenção da identidade da pessoa negra ainda hoje no Brasil. Este estudo permite descrever algumas influências psicossociais importantes na construção da identidade da pessoa negra, elementos como a relação da família como auxiliadora para a definição e manutenção da identidade, assim como a mídia social, internet e a música, que também fazem parte dos processos de construção identitária.

Pode-se dizer que as vivências de preconceito, discriminação racial e racismo experienciadas pela pessoa negra fazem com que elas estejam em constante conflito com a sua identidade, no entanto, o indivíduo negro movimenta-se para a transformação quando se sensibiliza com a situação em questão. O padrão identitário construído e reconstruído continuamente através de mecanismos ideológicos, torna a transformação da identidade das pessoas negras difícil, no sentido de contrapor-se às práticas e mitos racistas e preconceituosos.

Discutir esse tema é crucial, pois só a partir da reflexão será possível repensar ações afirmativas para os negros a fim de minimizar os efeitos negativos como do preconceito, a discriminação e o racismo. Cabe a Psicologia problematizar tais questões à medida que determinantes históricos, sociais, culturais são constituidores dos sujeitos e das suas subjetividades. Buscar compreender esses fenômenos é também compreender os sujeitos e permitir que cotidianamente a Psicologia construa maneiras de promoção de saúde, bem como auxilie o sujeito na busca por respostas diante aos desafios que hora são impostos e hora surgem da própria questão.

As limitações da pesquisa se dão quanto a utilização de um único documentário, e também à complexidade e amplitude dos temas que permeiam a construção da identidade da pessoa negra, como o racismo, discriminação racial, miscigenação, branqueamento, dentre outros que, logicamente, não são possíveis de serem esgotados somente nesse estudo. Diante dos resultados encontrados, sugere-se como possibilidade, novos estudos sobre a correlação da história do Brasil e identidade da pessoa negra e também o foco nas mudanças nas formas de discriminação e preconceito para com a pessoa negra, além de propor uma análise de uma atuação prática do psicólogo na questão da identidade da pessoa negra e todos os temas que permeiam essa identificação.

REFERÊNCIAS

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARRETO, R; CECCARELLI P. R; LOBO, W. L. O Negro e a Mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais. In: **Conversas transversalizantes entre Psicologia Política, Social-Comunitária e Institucional com os campos da educação, saúde e direitos**, vol. 7. LEMOS, Flávia C et al. (orgs.). Curitiba: CRV, 2017, pp. 709-718.

BASTOS JL, DUMITH SC, SANTOS RV, BARROS AJD, DUCA GF, GONÇALVES H, et al. Does the way I see you affect the way I see myself? Associations between interviewers' and interviewees' "color/race" in southern Brazil. **Cad Saúde Pública** .2009; 25:2111-4. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-311X2009001000003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. 2012. **Racismo Institucional**, v. 5, 2017. Disponível em: <<http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Caderno-Racismo.pdf#page=5>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. (1999). **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia - construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf>. Acessado em: 01 jul. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. 53. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, p. 9.

_____. Secretaria de educação continuada; alfabetização; diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Secad, 2006.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. D. O. L.; GONÇALVES, C. A. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações rurais & agroindustriais**, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: < <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>>. Acessado em: 12 jun. 2019.

CARVALHO, J. A. M.; WOOD, C. H.; ANDRADE, F. C. D.. Notas acerca das categorias de cor dos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil: 1980/90. **Anais**, p. 1-15, 2016. Disponível em:

<<http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/download/1071/103>>
. Acessado em: 05 jun. 2019.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Editora Paz e Terra, 2018.

CASTRO, G. G. P. D. **A inconstitucionalidade material do objeto racial da Lei de Cotas Nº 12.711/2012: uma violação à ideologia da Constituição Federal do Brasil de 1988**. Faculdade de Direito do Recife da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018. Disponível em: <<https://attena.ufpe.br/handle/123456789/30621>>. Acessado em: 08 jun. 2019.

CELLARD, A. A análise documental. In: Poupart J, Deslauriers JP, Grulx LH, Paperriere A, Mayer R, Pires A. **A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes; 2008. p. 295-316v.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.T.M., CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58-75. Disponível em: <<https://psico48.files.wordpress.com/2012/04/ciampa-a-identidade.pdf>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

DOS REIS, J. E.; COSTA, J. R. S.. Negritude, inclusão social, patrimônio imaterial, memória e (re) apagamento. **Revista de Ciências Humanas**, v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/13128/artigo4dvol16-1.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

FERREIRA, R. F.. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC. 2000.

FERREIRA, R. F.; CAMARGO, A. C.. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v. 31, n. 2, p. 374-389, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6135018>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995

HABERMAS, J.. Teoria de la acción comunicativa. v. 1. **Racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Altea/Taurus/Alfaguara, 1987.

JODELET, D.. **Os processos psicossociais da exclusão**. In: SAWAIA, Bader

MAIA, K. S.; ZAMORA, M. H. N.. O Brasil ea lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Psicologia Clínica**, v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n2/05.pdf>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

MAIO, M. C., MONTEIRO, S., CHOR, D., FAERSTEIN, E., & LOPES, C. S. Cor/raça no Estudo Pró-Saúde: resultados comparativos de dois métodos de autotranscrição no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 171-180, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2005000100019&script=sci_arttext&tlng=en>. Acessado em: 13 jun. 2019.

MARIA, Vanessa de Faria José; MARTINS, Edna. A família e a construção da identidade de um líder do movimento negro. In: **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**. 2016. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/63c9/4e7871991788c17b8fa432fa6c699f400c8d.pdf>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

MEDEIROS, I. C. L.; PEREIRA, A. K. C.; MELO, M. M. R.. A cor/raça e a autoatribuição dos discentes da especialização do IFRN campus Mossoró/RN. **Revista Includere**, v. 1, n. 1, 2015. <<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/4595>>. Acessado em: 13 jun. 2019.

MONTES, M. L. A. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, L. M.; QUEIROZ, R. S (Orgs). **Raça e diversidade**. São Paulo, EDUSP/Estação Ciência, 1996. Disponível em: <<https://bdpi.usp.br/item/000917627>>. Acessado em: 02 jun. 2019.

MUNANGA, K. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. v. 7, 2015. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>>. Acesso em 13 de mar. 2019.

_____, A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 51-66, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100005&script=sci_arttext>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

_____, Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. **Palestra proferida**, n. 1º, 2003.

_____, Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246/222>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

NASCIMENTO, A. S.: “Classificação oficial e extra-oficial: raça e cor em debate”, **Perspectivas, Revista de Ciências Sociais**, No. 29, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/35>>. Acessado em: 12 de jun. 2019.

OLIVEIRA, F.. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 57-60, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100006&script=sci_arttext>. Acessado em: 13 de abr. 2019.

OSÓRIO, R. G.. **O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE**. 2003. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2958>>. Acessado em: 25 de mai. 2019.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F.. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 2, p. 256-266, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/933>. Acessado em: 13 de abr. 2019.

SANTOS, H.. Discriminação racial no Brasil. In: **Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata**. Brasília: Ministério da Justiça. 2001.f

SEVERINO, A. J.. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

SILVA, Tainan M. G. Silva e. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS–Debate Virtual**, n. 201, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760>>. Acessado em: 15 de jun. 2019.

SOMBRA, L. L.. Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor. **Revista Sísifo**. Feira de Santana-BA, v. 1, n. 1, p. 95-114, 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/37490602/Identidade_dos_sujeitos_-_Revista_Sisifo.pdf>. Acessado em: 15 de jun. 2019.